

# Erich Auerbach sociólogo

Leopoldo Waizbort

## Duas teses

Erich Auerbach (1892-1957) iniciou-se nos estudos literários com uma tese de doutorado sobre a novela nos inícios da Renascença, *Zur Technik der Frührenaissancenovelle in Italien und Frankreich* (Sobre a técnica da novela nos inícios da Renascença na Itália e na França), defendida e publicada em 1921. Na “Introdução”, Auerbach delinea, é verdade que em largos traços, um programa crítico-analítico que compreende a obra de arte literária imersa em sua condição histórica e social. Assim a formulação indicativa, embora algo genérica, com que abre o estudo:

Podemos dizer de toda obra de arte que ela é determinada essencialmente por três fatores: pela época de sua origem, pelo local e pela peculiaridade de seu criador. Isto vale em maior medida para a novela, pois enquanto na tragédia ou na grande epopéia é um povo que fala, para com isso questionar deus ou o destino [...], na novela o sujeito é sempre a sociedade, e com isso o objeto é por excelência aquela forma de mundanidade que denominamos cultura. [...] seu pressuposto é um círculo de seres humanos circunscrito diante de um exterior, que obteve uma determinada posição na vida terrena e tem interesse em conhecê-la e considerá-la criticamente. Assim, a novela está sempre em meio ao tempo e em meio ao lugar; ela é um pedaço de história [...] (Auerbach, 1921, p. 1).

É de notar que há, por detrás da aparência simplificada da equação dos três fatores, uma reflexão que procura contrabalançar objetividade e subjetividade, exterioridade e dimensão interna na obra. Não se trata, com efeito, de atribuir todo o peso da obra à subjetividade criadora de um gênio ou personalidade, nem por outro lado de defini-la em um paralelogramo cujas forças seriam meio e momento. Compreender a obra significa ser capaz de captar essa tensão de forças que se configura entre uma subjetividade e a objetividade do mundo na qual ela existe e que em alguma medida também a modela. E a isso se acrescenta a especificidade da forma que se busca compreender, a novela. O estudo procura investigar as origens dessa forma – um problema que põe em questão outro, presente subterraneamente e nunca nomeado, a saber, a relação de novela e romance –, que é caracterizada logo de início em contraste com as formas da tragédia e da epopéia. De fato, a própria definição de novela já é realizada por meio de um procedimento de historicização, pois ela é vista como uma forma literária histórica que tem como “pressuposto” uma situação histórica específica. Daí o passo seguinte, que circunscreve o problema, isto é, procura nomear que situação é essa:

[...] a forma interna e externa da novela é uma criação nova e, para dizer rapidamente, uma criação nova da Renascença. Tornar-se consciente de sua própria pessoa, ver-se em uma existência terrena, que exige ser alcançada e dominada: esta é a aspiração decisiva da Renascença. Dela origina-se a “sociedade cultivada” [expressão utilizada por Burckhardt] e, ao mesmo tempo, a novela (*Idem*, p. 2).

Essa forma, a novela, é compreendida como um produto histórico, originada de uma situação histórica e social muito particular, que se condensa na sua forma. A novela como forma dá notícia de uma forma social específica; Auerbach toma como pressuposto a análise de Jacob Burckhardt (um autor cuja importância para sua obra não pode ser subestimada) em *A cultura da Renascença na Itália*, na qual define um tipo próprio de sociabilidade em pequenos grupos, exatamente aquilo que encontrará expressão na novela de Boccaccio (“O enquadramento do *Decamerão* deve ser compreendido por meio do conceito de forma social” [*Idem*, pp. 7-8]).

Essa situação possibilitou a cristalização da forma novela, ou seja, a transformação de narrativas curtas, que existiam anteriormente, na forma novela<sup>1</sup>. Uma vez consolidada na obra de Boccaccio, o problema passa a ser compreender as suas transformações, que serão atribuídas por Auerbach a

1. “Narrativas curtas sempre existiram; uma sociedade com normas vinculantes não existia até o início do século XIV” (Auerbach, 1921, p. 2).

diferentes situações históricas. O processo de desenvolvimento da novela é compreendido como um processo de transformação social – a transformação da sociedade e das formas de sociabilidade renascentistas trazem consigo transformações na novela, por um lado (no que diz respeito ao seu desenvolvimento na Itália, após o *Decamerão*), assim como, por outro, dependerá de especificidades nacionais, como no caso francês.

A tese desenvolve um duplo andamento: por um lado, as transformações da forma novela na Itália, por outro, o seu desenvolvimento na França, sendo que ambos se inter-relacionam, pois importantes realizações da novela francesa são influenciadas pela novela italiana. Ao final do processo examinado, no século XV, a forma novela perde o ímpeto de seu apogeu na Itália, pois seu lastro social se transforma (cf. *Idem*, p. 66), e no que diz respeito à França seus desenvolvimentos desembocarão em Philippe de Commines e François Rabelais, já para além da forma novela propriamente dita.

A tese compõe-se de três capítulos, que *grosso modo* poderiam ser assim rotulados: o primeiro é filológico-sociológico, o segundo eminentemente sociológico e o terceiro eminentemente filológico<sup>2</sup>. O primeiro é filológico-sociológico porque toma uma categoria da análise literária, o enquadramento da narrativa, e a modela a partir de uma situação histórico-social; o enquadramento, na novela, desenvolve-se de modo completamente diferente, ao longo do tempo e do espaço, em virtude de fatores histórico-sociais. Assim, na novela italiana, e sobretudo no *Decamerão*, seu objeto maior, o enquadramento deriva do processo social, nomeadamente a constituição de uma forma de sociabilidade específica em um grupo caracterizado pela distinção, pelo nascimento nobre e que procura diversão elegante. O que dá lastro a essa forma artística é “a força da forma social” (*Idem*, p. 7), decorrente de uma situação histórica na qual os possíveis elementos de amálgama coletivo, como a família, a religião, o Estado etc., encontravam-se enfraquecidos. Já na França, o processo transcorreu de modo diverso. Se a Itália caracterizou-se por uma passagem brusca da Idade Média para a Renascença, e isso significou (cf. Burckhardt) a criação da sociabilidade como uma espécie de jogo, na França a transição nada teve de abrupto, transcorrendo gradualmente e deixando resquícios medievais; esse processo gradual faz-se sob o signo da nação e é disso que deriva o enquadramento da novela francesa, que se prende ao ambiente doméstico, ao interior. Desenvolvendo a distinção entre enquadramento de sociabilidade e enquadramento doméstico e fazendo-os caracterizar a

2. Utilizo “filologia”, tal como o faz Auerbach, para indicar o seu campo de estudo. Voltarei ao ponto.

novela italiana e francesa, respectivamente (com a exceção das “Cent nouvelles nouvelles”, italianizadas), Auerbach ancora sua análise nos fundamentos sociais, em desenvolvimentos históricos e sociais específicos, que repercutem e modelam a forma literária.

O segundo capítulo é eminentemente sociológico porque discute a posição da mulher e os equilíbrios e desequilíbrios de poder nas relações entre os sexos. Essa discussão é de fato a apresentação, no material literário, de um processo histórico-social, pautado na sua transformação no tempo (ao longo do período que vai de Boccaccio ao século XV) e espaço (Itália e França). Dessarte, a mulher, que em Boccaccio é quem fala e domina, deixa de sê-lo na novelística italiana posterior, assim como na francesa. A posição da mulher surge como elemento revelador e estruturante da forma da novela, e as transformações e nuances dessa posição indicam o processo de transformação histórica da forma literária.

O passo subsequente, nas conclusões do segundo capítulo, é relacionar as duas vertentes: o enquadramento social corresponde ao “triunfo das mulheres”, ao passo que o enfraquecimento daquele enquadramento narrativo corresponde ao enfraquecimento do predomínio feminino, processo que culmina na novela francesa, caracterizada pelo enquadramento no ambiente doméstico e pelo papel subordinado da mulher.

O terceiro e último capítulo trata da composição das novelas, evidenciando comparativamente as transformações temáticas e narrativas nas principais obras do período. O procedimento comparatista é estruturante na análise (tal como, 25 anos depois, em *Mimesis*). Cada passo da investigação e do argumento é lastreado na comparação: define-se uma determinada característica de uma determinada obra; a seguir, contrapõe-se-lhe outra, mostrando em que aspectos se diferenciam. O comparativismo contrastivo atua dos dois lados: destacando a característica de que se partiu e evidenciando a diferença do outro texto. Esse movimento de análise – a “consideração histórico-formal” (*Idem*, p. 65) – é desenvolvido incessantemente, resultando em uma trama analítica (e narrativa) densa, pois os diversos passos de análise vão se acumulando e se sobrepondo, de sorte que, ao final, emerge uma construção interpretativa, um resultado que toca a uma tipologia<sup>3</sup>. Os exemplos são inúmeros e reconstituí-los significaria, pelo que foi dito, reconstituir todo o livro e toda a argumentação. Lembro, apenas ilustrativamente, como Boccaccio é comparado ao *Novellino*, aos franceses, aos epígonos italianos, aproximado de Cavalcanti e de Dante. Nesse amplo e variado movimento, delinea-se todo um quadro de nexos

3. “O ponto de partida escolhido para a obtenção de uma tipologia da ‘novela dos inícios da Renascença’ – em contraposição a Boccaccio estão os epígonos italianos e as *Quinze Joyes de Mariage* – já era aqui essencialmente sociológico” (Schalk, 1971, p.VI).

e irradiações, aproximações e afastamentos, similitudes e diferenciações. Esse é o trabalho de análise, tal como o compreende Auerbach.

Assim, o objetivo do livro é alcançado nessa, digamos, simbiose de filologia e sociologia: mostrar como a novela sofre uma transformação (*Veränderung*) que é essencialmente social e histórica. No âmbito do enquadramento narrativo: do grupo de sociabilidade (Itália, Bocaccio) para o ambiente doméstico (França). No âmbito das figuras-suporte: da mulher como dominante (Bocaccio) para o homem como dominador (epígonos italianos, França).

Segundo o autor, trata-se, como destaquei, de uma “consideração histórico-formal”, cuja tarefa é analisar o desenvolvimento de uma forma literária ao longo do tempo e do espaço. Tal procedimento demarca a “peculiaridade” das diversas formas, históricas, da novela no período e na região em pauta no estudo; em outros termos, o nexos entre a forma literária – novela – e a sociedade na qual ela é composta (Auerbach, 1921, pp. 65-66).

No entanto, não é o caso, neste artigo, de expor em maior detalhe as análises e os andamentos de Auerbach – trata-se apenas de pontuar o problema<sup>4</sup>, no caso, como a análise se faz “nos limites de literatura e sociologia, esforçando-se para alargar um mediante o outro”, como Fritz Schalk destacou no prefácio que escreveu para a reedição da tese (1971, p. IX).

Essa fórmula de Schalk é em tudo sugestiva, pois busca definir o lugar no qual Auerbach procura se posicionar, e esse movimento implica uma visada na situação dos estudos literários e da sociologia no período entre guerras na Alemanha. Dito de outro modo, para compreender o escopo e os limites da empreitada de Auerbach seria preciso remontar à situação do campo intelectual alemão no período, às pretensões da nova ciência sociologia e às tradições da já madura filologia. Em meio a isso, Auerbach toma posição, procurando forjar um lugar para seu trabalho e pensamento que fustiga a sociologia e a filologia.

O leitor não deve sentir-se frustrado se, neste artigo, não avanço na questão decisiva apontada acima, a situação do campo intelectual, sem a qual não temos perspectiva correta para compreender o trabalho de Auerbach (“les déformations du texte étant d’autant plus probables que l’ignorance du contexte d’origine est plus grande” [Bourdieu, 2002, p. 7]) – é que isso exige um estudo à parte<sup>5</sup>. O que pretendo oferecer aqui é apenas a face interna desse problema, e mesmo assim em passos rápidos. Daí o percurso por alguns textos decisivos de Auerbach; e, após sua tese de doutoramento, a tese de habilitação, *Dante als Dichter der irdischen Welt* (Dante como

4. A relação da tese de 1921 com a obra restante é bastante forte e significativa: Dante é uma figura central, embora apareça apenas ocasionalmente, pois é condição para o surgimento da novela italiana (cf. Auerbach, 1921, p. 3), exatamente o mesmo Dante que será esmiuçado na tese de habilitação de 1929 e, depois, em uma série de artigos e em *Mimesis*. Ademais, a tese de 1921 apresenta um núcleo que será retomado e desdobrado em dois outros capítulos de *Mimesis*, dedicados a Bocaccio e Antoine de la Sale (1946, caps. IX e X), assim como indica a passagem e continuidade do problema, tal como figurado em Rabelais, que ganhará tratamento no livro de 1946 (cap. XI). Desse modo, pode-se ler a tese de 1921 com os olhos nos dois (ou quatro) capítulos do livro posterior. Do mesmo modo, todo o processo analisado na tese é apresentado, de forma mais sintética, embora situado em um quadro histórico bem mais amplo, em *Introduction aux études de philologie romane* (Auerbach, 1944-1949).

5. Ver, a título indicativo, Hoeges (1994); Benjamin (1991a); Jurt (1991); Flasch (2001, pp. 226-227); Bialas e Raulet (1996).

poeta do mundo terreno), surge como uma estação significativa, embora o problema em pauta não ganhe destaque explícito no livro, sobretudo porque, no entender de Auerbach, Dante é um dos poucos escritores cuja leitura pode ser feita com um mínimo de informação e conhecimento exterior à obra. Não obstante, um dos tópicos abordados no livro é a discussão acerca do grupo social que ancora o *dolce stil nuovo*, poesia gestada em um círculo restrito – e sociologicamente concebido:

[...] a poesia de Dante ganhou inspiração inicial não em um grande e amplo movimento, mas sim na cultura formal de um círculo diminuto, que recebeu conscientemente a tradição provençal e era mesmo mais intensamente esotérico e exclusivo do que ela. Pois como Guinizelli, o fundador, não encontrou os fundamentos sociológicos que os provençais possuíam, e como, por outro lado, deles se fez herdeiro, na medida em que sua poesia é poesia artística e expressão de uma forma de vida seleta, aristocrática, hostil à expressão ordinária – então ele pôs no lugar da Provença cavaleiresca a pátria imaginária do *cor gentile* – e esse traço absolutamente espiritual, essa formação, que era um *ethos* religioso mas não a igreja universal, uma pátria comum mas não um domínio na terra, foi a primeira consciência artística autônoma da nova Europa e a única coisa que ligava entre si os companheiros do “*dolce stil nuovo*”. E isto ligou de modo tão forte os mais destacados dentre eles em uma sensibilidade comum, que se originou uma atmosfera perfeitamente entorpecida e venturosa de uma aliança secreta daqueles que sabiam e amavam (Auerbach, 1929a, pp. 35-36).

Embora Auerbach não avance no ponto, está indicado o nexos entre poesia e forma social, em diversas dimensões: na formação de um círculo social de eleitos; na sua relação de distanciamento em face do restante da sociedade; no processo histórico da passagem da poesia provençal para o *dolce stil nuovo*, caracterizado por uma espécie de repúdio ao mundo concreto da vida terrena, no sentido de que a ausência de um lastro social concreto, à diferença do que ocorria com a poesia provençal (baseada em formas sociais concretas de cavaleirismo), é em mesma medida um fato social decisivo, pois indica uma situação social na qual é possível essa diferenciação exclusivista e, portanto, uma situação histórica de diferenciação e estruturação social mais complexa. É isso que possibilita a criação da pátria imaginária do *cor gentile*, que não se sustentaria, pode-se supor, em uma situação de menor diferenciação. Nada disso é explorado extensivamente por Auerbach, mas tudo está na linha e na entrelinha do texto.

Ademais, vendo o mesmo problema por outro lado, Auerbach identifica a questão do público da poesia dantesca, definindo uma categoria sociológica como constituinte da análise literária – um tema e problema a que dedicará variados esforços. No caso em pauta, a obra de Dante apela, acena e “cria” um público, que se torna uma categoria social-histórica central para a análise de Auerbach. E o público que Dante tem em vista não são os *litterati* que entendem latim, mas, escrevendo em língua vulgar, todos aqueles que almejam uma cultura nobre. Esse novo público, segundo Auerbach, tornar-se-á o “suporte da nova cultura européia” (1929a, p. 96)<sup>6</sup>. Há, pois, um nexos enfático entre formação de um novo público e transformação da língua literária, uma espécie de “democratização” da cultura, se me é permitido o termo, dependente da nobilitação literária das línguas vulgares. Embora a tese de Auerbach não avance nesse ponto, ele é uma das bases sociais da obra de Dante, sem o qual não poderia ser corretamente compreendida.

Ainda mais decisiva, entretanto, é a questão que dá título e ensejo ao livro, a tese propriamente dita que Auerbach expõe e defende. Embora de modo quase velado, ela supõe um fundamento histórico-sociológico: é que a poesia de Dante depende do individualismo renascentista, que lastreia a tese apresentada, qual seja, o fato de Dante ser poeta do mundo terreno (repetida constantemente nos variados estudos de Auerbach sobre Dante, inclusive no capítulo decisivo de *Mimesis*). É o que vemos, ao tomarmos momentos do livro em que o autor enuncia sua tese:

[...] as almas do Além dantesco não são absolutamente mortos, antes os verdadeiramente vivos, que com efeito sorvem os dados concretos de sua história e de sua essência atmosférica da vida terrena anterior. Contudo, mostram esses dados em uma tal completude, sincronia, presença e atualidade, que jamais teriam alcançado em seu tempo na terra e que certamente nunca teriam revelado a um espectador. [...] os homens que aparecem na *Comédia* já foram subtraídos da época terrena e de seu destino transcorrido. Dante escolheu um cenário absolutamente particular para sua exposição [...], que lhe abriu possibilidades de expressão absolutamente novas [...]: todo o mundo histórico-terreno [...], de tal modo que ele não roubou das figuras singulares, em seu destino final escatológico, seu caráter terreno, nem mesmo o enfraqueceu, mas sim o contrário, na medida em que ele fixou a intensificação extrema de sua substância histórica e terrena e a identificou com o destino final (1929a, pp. 168, 108)<sup>7</sup>.

6. Este mesmo tema e problema aparecerá de modo decisivo, em outra configuração histórica, em sua última obra (Auerbach, 1958); o destino dessa cultura européia, dependente de seu suporte social, será tematizado em Auerbach (1952).

7. Ver as outras formulações, cumulativas, da tese em Auerbach (1929a, pp. 79, 83-84, 110, 113-114, 143, 166, 174, 186, 211). A tese é totalmente tributária da compreensão de Dante por Hegel, coisa que o próprio Auerbach reconheceu em sua aula inaugural como professor de filologia em Marburg, em 1929. Ver Auerbach (1929b, pp. 180-181). A análise de Hegel encontra-se em Hegel (1820-1829, pp. 406-407).

Interessa aqui menos discutir a tese de Auerbach do que evidenciar como a dimensão social e histórica lhe é intrínseca e basilar, apesar de o livro não adentrar por uma análise propriamente histórica ou sociológica. Não obstante, é essa compreensão de Dante como poeta do mundo terreno – que significa “poeta do mundo histórico” –, concreto, real, que abre a senda para a formulação da natureza da *mimesis* operante na literatura que investiga, e que se desdobrará em amplo arco em *Mimesis*, quinze anos depois. Pois é esse terreno, concreto, real, histórico que lastreia e dá tessitura ao problema do *realismo*, tal como Auerbach o compreende, e que aparece na tese de 1929: “[...] o homem conhecido, que vive, vinculado à história; o indivíduo existente em sua unidade e completude, em poucas palavras: a imitação de sua natureza histórica” (1929a, pp. 213).

O leitor da tese não tem dúvidas quanto à força e à persuasão do argumento, embora isso não signifique que o problema da *mimesis* seja resolvido, ao contrário: *mimesis* e realismo são categorias centrais e decisivas, mas não se resolvem em definitivo nessa obra, encontrando desdobramentos em seus ensaios e livros posteriores.

Essas anotações baseadas nas duas teses de Auerbach permitem observar que, efetivamente, a formulação de Schalk encontra respaldo nessas obras, embora de modos muito diferenciados. A dimensão sociológica e histórica é uma presença muito mais forte na tese de doutorado do que na de habilitação; contudo, nesta última o problema do realismo aparece com mais vigor, lastreado inclusive por uma preocupação conceitual e histórica com o conceito de *mimesis*, e tudo isso irá ganhar muita importância em *Mimesis* e nos estudos que o preparam. Creio que seria possível afirmar que Auerbach, desde o final da Primeira Guerra Mundial, quando se volta para os estudos literários, tem plena compreensão do papel da história na análise da obra literária e busca formular *in concreto* esse problema nas próprias análises, de sorte que, em função do objeto em pauta, o problema ganha maior ou menor ênfase. Isso transparece no comentário da tese de doutorado, no qual a forma novela é compreendida como eminentemente histórica. Já com relação a Dante, a análise histórica fica em segundo plano, em função da natureza mesma da obra. Em contrapartida, a falta de historicização da análise é contrabalançada pela própria tese a ser defendida, que detecta uma historicidade profunda e peculiar na obra de Dante. O esforço, então, concentrou-se na demarcação desse teor histórico *sui generis*<sup>8</sup>, que poderíamos bem qualificar como *interior*. Portanto, as duas teses demarcam como que extremos no modo como a

8. Para dar um exemplo e citar um texto da época de composição de *Mimesis*, no qual Auerbach discute a aparição de São Francisco na *Comédia*: assinalando as razões e o modo como Dante lança mão da alegoria (o que significa demarcar as diferenças do seu uso comparativamente à literatura que o precede), Auerbach afirma: “ele [Dante] puxa a alegoria para o elemento atual, ele a liga intimamente com o histórico” (1945, p. 45).

história adentra a obra de arte literária, conformando-a como obra, forma e “visão”. Talvez a tarefa fosse, dentro do possível, fazer colidir tais extremos, o que quiçá seja uma possibilidade de leitura de *Mimesis*.

### Escritor e público

No mesmo ano em que publicou sua tese sobre Dante, passou a atuar como *Privatdozent* de filologia em Marburg e ministrou sua aula inaugural sobre “Dante e o romantismo”, Auerbach escreveu um notável ensaio sobre Montaigne, “Der Schriftsteller Montaigne” (O escritor Montaigne), no qual a categoria de público, eminentemente sociológica, desempenha um papel estratégico e determinante, e que seria retomada de maneira recorrente em outros textos seus. (Nos seis anos em que permaneceu como docente universitário na Alemanha, de 1929 a 1935 – a partir de 1930, como professor titular –, Auerbach dedicou-se sobretudo ao estudo da literatura francesa.) No caso de Montaigne, seu argumento é que se trata, de fato, da criação de um público, que até então não existia, para os *Essais*. E a categoria de público encontra em Montaigne também sua contra-face: o escritor, *homme de lettres*, figuração histórica do intelectual.

[...] Montaigne não encontrou o público dos *Essais* já formado e não podia imaginar que ele existisse. Ele não escreveu nem para a corte, nem para o povo; nem para os católicos, nem para os protestantes; nem para os humanistas, nem para qualquer coletividade existente. Ele escreveu para uma coletividade que não parecia existir, para os homens vivos em geral, que, como leigos, possuíam alguma formação e queriam prestar contas de sua existência; para o grupo que, posteriormente, foi nomeado público culto. Até então havia como coletividade apenas a cristandade, se se abstrai a profissão, o estamento e o Estado. Montaigne dirigiu-se a uma nova coletividade, e na medida em que assim o fez, criou-a; em seu livro ela manifesta pela primeira vez sua existência (Auerbach, 1932, p. 186).

É evidente que, para o sociólogo ou filólogo de hoje, essa indicação do processo de constituição de um campo ou sistema literário é precária, carente de nuance e desenvolvimento. Contudo, 75 anos atrás representava algo novo, e esse novo está situado naquela posição que Auerbach tenta forjar para si e para seu trabalho, entre a sociologia e a filologia. É no interior dessa mesma problematização que a independência de Montaigne exige também categorização, pois aquele que, escrevendo, cria um

9. A formulação é bastante sugestiva e merece ser reproduzida: “Este homem independente e sem profissão criou portanto uma nova profissão e uma nova categoria social: o *homme de lettres* ou *écrivain*, o leigo como escritor. Conhecemos a carreira que teve essa profissão, inicialmente na França e depois também em outras nações de cultura: esses leigos tornaram-se os verdadeiros sacerdotes, os representantes e guias da vida espiritual, reconhecidos hoje em dia de tal modo que Julien Benda os denominou *clers* – portanto com aquele nome que designava originalmente aqueles diante dos quais eles estavam em oposição, os *clerici* ou clérigos. Com isso está dito e reconhecido que o escritor é seu herdeiro e passa a ocupar o seu posto, a saber, a hegemonia espiritual da Europa moderna. De Montaigne a Voltaire há uma ascensão ininterrupta; no século XIX ampliaram sua posição e sua atuação a uma base mais ampla, o jornalismo, e apesar de alguns sinais de declínio, observáveis já

público, cria também algo novo na sua própria posição: “uma nova categoria social: o *homme de lettres* ou *écrivain*, o leigo como escritor” (Auerbach, 1932, p. 187). Auerbach imediatamente situa a nova categoria na origem mesma da figura do intelectual, como para reforçar que se trata, realmente, da constituição de um campo intelectual, no qual atuam escritores e públicos, e que se apresenta como um processo que, na França, vai de Montaigne ao século XIX ou até mesmo o XX – em rodapé Auerbach aponta o complexo arco histórico-social no qual situa o problema, ao mencionar as invectivas de Karl Kraus, na Viena dos anos de 1920, contra os “escritores”<sup>9</sup>.

A constituição dessas categorias sociais – e, sublinho, categorias que implicam um complexo processo, histórico e social, de identidade, pois se fundam na relação de mútua interdependência escritor/público, relação que configura um espaço social específico, denominado por Auerbach de “comunidade de leigos” – é percebida claramente por Auerbach como um desafio intelectual, e ao final do ensaio ele aponta a direção para o encaminhamento do problema: esse novo tipo historiciza-se na figura do *honnête homme*, que reaparece em seu estudo subsequente, intitulado *Das französische Publikum des 17. Jahrhunderts* (O público francês do século XVII), publicado em 1933. Ainda no texto sobre Montaigne, Auerbach afirmava, antecipando:

A pessoa de Montaigne era apropriada para criar um novo tipo humano; em lugar do cristão crente, duvidoso ou revoltado, surge o *honnête homme*, que realiza todas as formas e considera as coisas a partir de si. Entretanto, o *honnête homme* dos séculos XVII e XVIII foi rapidamente levado por outras influências a outras direções; no final das contas ele se tornou mais ativo, mais burguês e mais diminuído (*Idem*, p. 194).

No opúsculo editado em 1933, um de seus últimos trabalhos publicados na Alemanha antes do exílio – e que ainda traz, na página de rosto, o título de professor titular, do qual em breve o autor não mais poderia fazer uso<sup>10</sup> –, Auerbach delineou essas direções no século XVII francês, tendo em vista o problema, eminentemente sociológico, da formação do público:

Ao lado de algumas expressões bastante genéricas – *lecteurs, spectateurs, auditeurs, assemblé* – encontram-se nas fontes contemporâneas duas novas *designações* para a

camada a que as obras de literatura, e em especial as de teatro, são dirigidas. São elas *le public e la cour et la ville* (1933, p. 5).

Trata-se de investigar um processo que se revela nessas duas novas designações: um público específico, que se busca caracterizar. A partir de uma *semântica histórica*, Auerbach desvenda um processo social, a formação de um público, a definição de tipos sociais, a definição de uma camada social<sup>11</sup>.

*La cour et la ville*, que se firma ao longo do século XVII, designa “o espaço público literário e social” (*literarisch-gesellschaftliche Öffentlichkeit*), e a importância da definição desse espaço social deriva do fato de que ele se constitui, gradualmente, como o “portador/suporte do gosto literário” (Auerbach, 1933, p. 6)<sup>12</sup>. “La cour” é o entorno do Rei, não apenas a nobreza, mas também notáveis não pertencentes à nobreza e possuidores de um *habitus* burguês; “la ville” não se refere absolutamente ao povo da cidade, mas ao grupo que realiza uma “sociabilidade de cidade grande”, possuidor de uma “urbanidade”, no sentido mesmo do “salão”, de um círculo de sociabilidade.

Auerbach indica como, ao longo do século – pois se trata de investigar um processo social-histórico –, as forças propulsoras que convergem em “la cour et la ville” oscilam entre as duas partes da expressão: no início, as forças concentram-se em “la ville” e, posteriormente, ao final do século, em “la cour”. De todo modo, o processo caracteriza-se pela confluência, que se deposita na própria expressão “la cour et la ville”.

Essa expressão é superposta a “público”, pois este é resultado histórico de lutas de poder na França do século XVII que, no entender de Auerbach, deixam-se visualizar nas polêmicas e disputas acerca do teatro de Molière, seus defensores e detratores. Nesse contexto, aparece o “grande público” como ocupante do *parterre* – tópico sobre o qual Auerbach desenvolve uma sensacional sociologia dos ocupantes dessa posição no teatro. Será no *parterre* e na corte que encontraremos o “bon sens, naturel” e o “bon goût”, e são portanto seus ocupantes que aparecerão como portadores do gosto.

Por ora basta constatar que a unidade cultural que se revela por volta de 1660, que está na base do florescimento do Classicismo, resulta de uma aliança ou de uma comunidade íntima do Rei e seu entorno com certas camadas da população citadina – cuja determinação sociológica exata ainda está por ser examina-

há muito, é bastante provável que ainda no século XX eles sejam considerados a voz do mundo” (Auerbach, 1932, p. 187). Esse mesmo processo é também tema do capítulo sobre Montaigne em *Mimesis* (cf. Auerbach, 1946, pp. 292 ss.); entre nós, o problema foi abordado, a partir de Auerbach, por Arantes (1979).

10. Sobre a condição judaica de Auerbach e suas conseqüências, ver Barck (1994); Mattenklot (1998); Gumbrecht (2002). Não há dúvida de que a experiência da exoneração compulsória e o exílio forçado marcaram a fundo a obra e, decerto, a valorização da dimensão histórica e social concreta das obras literárias.

11. Essa dimensão social importante nos estudos de Auerbach é o que se poderia denominar uma semântica histórica. Um exemplo significativo é o *humilis*; a compreensão justa do termo e seus usos exige compreender o teor histórico das palavras, frases, textos, para o que é preciso recorrer à história e à sociologia

(cf. Auerbach, 1941a, pp. 23-25; posteriormente 1958, pp. 25-63). Pois conhecer uma obra implica conhecer a fundo toda a época e o contexto. Para ilustrar com o exemplo já mencionado: na análise da presença de São Francisco de Assis na *Comédia*, somente a reconstrução de todo o universo simbólico ligado à imitação do Cristo na cristandade permite compreender a aparição alegórica do santo naquela obra (cf. Auerbach, 1945). A conclusão do mencionado estudo é reveladora dos problemas de compreensão da obra literária, tal como Auerbach os compreende: “Todos esses nexos eram reconhecidos espontaneamente pelo leitor medieval, pois ele vivia em meio a eles; as representações de repetição profetizadas e imitativas eram-lhe tão comuns, como por exemplo ao leitor de hoje o conceito de desenvolvimento histórico; até mesmo o aparecimento do Anticristo era imaginado como uma repetição exata, embora enganadora, do aparecimento do Cristo. Nós perdemos a compreen-

da –; que essa aliança está direcionada contra o preciosismo e a pedanteria; que seu grito de guerra, com ou sem razão, proclama o *bon sens* e o *naturel*. Não há dúvida de que o Rei e a corte representam e conduzem socialmente essa aliança; mas com isso ainda não se esclarece quem fornece os conteúdos na nova mentalidade [*Gesinnung*] comum, qual era sua origem social (Auerbach, 1933, p. 13).

Tal aliança de *la cour et la ville*, capitaneada pelo rei, não se esgota no ambiente cortesão; seus conteúdos e sua origem precisam ser procurados na burguesia, pois o *bon sens* e o *naturel* são valores antes burgueses que cortesãos ou mesmo populares. Portanto, a aliança cria um espaço social específico, marcado por uma nova mentalidade e atitude que tem sua ancoragem social e histórica nos estratos médios, em processo de ascensão. Sumarizando, portanto, o argumento: valores, mentalidade e atitudes gestados no ambiente burguês e em contraposição à nobreza e ao povo são, no curso do século XVII francês, encampados por sujeitos sociais distintos, levando à configuração de um público na forma “*la cour et la ville*”. A conclusão eminentemente sociológica de Auerbach é que, no plano estético, essa aliança atualiza a velha aliança entre o rei e a burguesia que caracterizaria o processo de formação e unificação da nação francesa, e isso de um modo bastante característico, pois implica a exclusão da participação do povo em todo o processo.

O mesmo argumento se deixa demonstrar na polêmica acerca do *Tartufo*, pois o *bon sens* que caracteriza a peça nada tem de monárquico nem de autoritário – aspectos que poderiam em princípio facultar o favorecimento do rei –, senão que é característico dos “estratos médios que se emancipam” (*Idem*, p. 15).

Note-se ainda, para destacar o sentido do argumento, que o florescimento do Classicismo francês é visto em relação de correspondência com esse processo social bem mais amplo, que mostra uma de suas faces na composição do *parterre*. Ao longo dos séculos XVI e XVII, o *parterre*, inicialmente freqüentado por pajens, lacaios, soldados, *clers* e até pelo populacho, caracteristicamente um lugar conturbado e propenso à desordem, vai sendo domado e disciplinado, de sorte que, na segunda metade do século XVII, uma nova figura passa a freqüentá-lo: o burguês. Há, digamos, uma elevação do *parterre*; a burguesia média vai acossando e expulsando as camadas mais populares, embora estas permaneçam sempre presentes, ainda que limitadas.

Mas é de fato o burguês que posteriormente predomina no *parterre*, e lá, ao seu lado, encontram-se o escritor e o crítico, enquanto ainda não se tornaram totalmente “proeminentes”. Sem dúvida alguma é a esse público burguês do *parterre*, um pouco impregnado de literatos, que Molière se refere (*Idem*, pp. 19-20).

Com os anos, o *parterre* é identificado cada vez mais fortemente com a burguesia; essa identificação iguala “bourgeois” e “peuple”, contrapostos a “personnes de qualité” ou “de condition”, isto é, a nobreza (que enche os camarotes e balcões). Ao que se acrescenta a constatação de que o gosto burguês coincide com o da nobreza, o “público mais elevado” – tanto socialmente como na sua disposição no teatro, pois a ocupação dos lugares nobres ainda era privilégio estamental da nobreza, embora o burguês pudesse frequentá-los, se se tornasse um “homme de condition”.

Portanto, o *parterre* é o *locus* de uma camada social que “tendia a se amalgamar com a sociedade cortesã mais elevada e deixar-se por ela conduzir” (*Idem*, p. 24) – donde a fórmula “la cour et la ville”. Ademais, a “robe” realizava uma espécie de mediação, pois, embora em geral permanecesse no *parterre*, os funcionários mais elevados possuíam o *status* de “gens de condition”. “La cour et la ville”, dessarte, indica um gosto “culto”, em oposição ao gosto popular; a tragédia clássica francesa encontrou seu público não no povo, que nela não encontrava elemento algum de identificação, mas sim em “la cour et la ville”. Com efeito, “o público francês do século XVII” (ou seja, o público do teatro clássico francês) foi “la cour et la ville”, um público “culto”.

Mas qual a peculiaridade, quais os atributos e fundamentos dessa sua “cultura”? Ela se incorpora ao “honnête homme” – figura social que, como se viu, surge com Montaigne e se transforma ao longo do tempo. A “honnêteté” não é um atributo estamental, mas um “ideal de personalidade” que todos, em princípio, podem adquirir.

Também no domínio das relações de produção, por assim dizer, “la cour et la ville” amalgamam-se, pois, se a nobreza vive do prestígio e às custas do rei, a burguesia, em parte almejando transformar-se em “noblesse de robe”, também aspira a uma existência “parasitária”: “O ideal do *honnête homme*, que a burguesia elevada então almejava, não comporta mais nada relativo à profissão e ao trabalho manual, senão que se pretende o mais absoluto e universal possível” (*Idem*, p. 39). Tal repúdio a toda e qualquer atividade econômica produtiva, característico do “honnête homme”, encontra sua contra-face no ideal de cultura:

são espontânea dessa concepção da história e somos forçados a reconstruí-la mediante pesquisa” (Auerbach, 1945, p. 54). É evidente que tal pesquisa possui uma dimensão eminentemente histórica e social, de sorte que a filologia auerbachiana deita raízes nessas disciplinas auxiliares. O principal caso e exemplo dessa semântica histórica seria, decerto, a investigação acerca de “figura” (Auerbach, 1939) e, a seguir, acerca de “passio” (Auerbach, 1941b). Decerto tal semântica histórica não é prerrogativa de Auerbach, mas um tipo de investigação histórico-social que se mostrava fundamental a seu tempo. Exemplo disso é o célebre estudo de Erwin Panofsky acerca de “Idea”.

12. Com relação ao problema da formação do gosto e de seus portadores e/ou suportes, há o trabalho pioneiro de Schücking, escrito no início dos anos de 1920, mas publicado apenas coetaneamente ao estudo de Auerbach, em 1931.

Esse ideal de uma cultura plena de bom gosto e universal originou-se da impregnação com a matéria cultural humanista que, simultaneamente a um bem-estar de base mais ampla, gerou uma camada mais ampla de pessoas cultas [*Gebildete*], camada esta que compreende tanto a nobreza como a burguesia abastada. Trata-se da viragem do humanismo da erudição para a cultura e formação [*Bildung*]. Ao que parece, na França, ela teve seu ponto de partida no *Plutarco* de Amyot – *sa merci, nous osons à cette heure et parler et écrire, les dames en régentent les maîtres d'écoles, c'est notre bréviaire*, diz Montaigne. Sob o efeito do cartesianismo, a cultura inclui em seus domínios os conhecimentos físicos e até mesmo filosóficos e destrói gradual e progressivamente a oposição entre um espírito aristocrático-feudal e culto e um espírito popular. O povo se cala e uma camada culta, constituída de nobres e de burgueses abastados (camada esta que pôs a erudição a seu serviço), domina sozinha: *la cour et la ville* (*Idem*, pp. 42-43).

É mediante esse andamento eminentemente sociológico que Auerbach desenvolve sua pesquisa. Creio ser possível afirmar que mentalidades, comportamentos, atitudes, idéias são portados por sujeitos sociais concretos: é isso que entendo como uma espécie de materialismo de Auerbach. Não há idéia, mentalidade ou atitude sem seus portadores sociais, que é preciso sempre, dentro do possível (isto é, tanto quanto o material permite), indicar (cf. *Idem*, p. 31).

Com essa delimitação de *la cour et la ville* estabelecida, Auerbach formula sua última questão: “Como foi possível que esse público tenha se tornado o portador/suporte [*Träger*] da tragédia francesa?” (*Idem*, p. 45) (Lembro que a compreensão de *Träger* como suporte ou portador remete a uma velha disputa marxista.) Também nessa altura sua resposta é eminentemente sociológica: a “descristianização” (*Entchristung*), o fato de a vida humana tornar-se cada vez mais livre, no curso de um processo histórico de longa duração, de elementos e diretrizes cristãs como norteadores da vida terrena e mundana dos homens. O argumento é muito conhecido das ciências sociais, sobretudo em sua versão weberiana, embora seja bem mais genérico:

Nas camadas do público de que falamos aqui, a imagem de mundo dada pelas ciências naturais, a visão básica da política, a estrutura da sociedade, o sentido do trabalho cotidiano e até mesmo a descontração nos dias de festa tornaram-se autônomos: tudo isto se libertou dos conteúdos cristãos que, desde a cristianização

da Europa – portanto há mais de um milênio –, impregnavam a vida como um todo (*Idem*, p. 46).

Esse processo deitou raízes sobretudo naquelas camadas cultas que foram identificadas anteriormente como *la cour et la ville*: aquele “mundo culto, no qual o cristianismo não era mais o espírito da vida, mas sim um domínio próprio, que o mais das vezes estava em contradição com os outros domínios” (*Idem*, p. 47).

Não é o caso de avançar nessa discussão, pois estamos em terreno familiar. Auerbach demonstra como a obra de Descartes configura do modo mais nítido todo esse processo (que usamos conhecer sob a rubrica de “Época Moderna”), na formulação da consciência de si<sup>13</sup>. A atitude e a mentalidade do público francês do século XVII, no argumento de Auerbach, encontra-se em consonância com a postura cartesiana, mesmo que sem o saber e sem nenhuma filiação doutrinária. Trata-se de uma atitude com relação a si mesmo, um “isolamento do eu” no qual emerge um individualismo que não é simplesmente a marca da singularidade natural de cada um, mas o estabelecimento da individualidade como “pessoa moral” – de que o *honnête homme* é certamente figuração. E tudo isso é pressuposto e posto na tragédia clássica: ela desenvolve em texto e cena essas questões, problemas e pessoas (do qual também, em paralelo à tragédia, as obras dos moralistas); “cria um mundo da vida sublime independente de todas as idéias cristãs” (Auerbach, 1933, p. 52). E não só: de fato, *la cour et la ville* como portadores do Classicismo francês significa, para Auerbach, que esse público criou algo muito especial, uma forma:

Aquele público, constituído de “pessoas morais”, criou para si uma grande forma na qual a pessoa moral, na intangibilidade extramundana de sua *gloire* e *générosité*, encontrou representação e realização. Ela criou para si um mundo para além do mundo histórico e cotidiano, no qual a pessoa moral vive por si mesma, morre consigo mesma e podia triunfar em si mesma e em seus iguais (*Idem*, p. 53).

Há portanto, no argumento de Auerbach, um entrelaçamento entre uma forma literária específica (a tragédia clássica francesa, mas também os moralistas), um público específico (*la cour et la ville*) e uma mentalidade específica (que se encarna nos autores e público), e esse entrelaçamento é compreendido como um fenômeno histórico. Pretender compreender qualquer um desses fatores implica estabelecer essa interdependência en-

13. Aqui, Auerbach re-toma um argumento hegeliano: “Na modernidade, a vida religiosa, o Estado e a sociedade, assim como a ciência, a moral e a arte, transformam-se portanto em tantas outras incorporações do princípio da subjetividade. Sua estrutura *como tal* foi compreendida na filosofia, a saber, como subjetividade abstrata no ‘cogito ergo sum’ de Descartes [...]” (Habermas, 1985, p. 29). Assim, a filosofia cartesiana do sujeito indica um marco epocal, nomeadamente a Época Moderna (*Neuzeit*). Ver também Blumenberg (1988, parte II).

tre eles, pois se articulam em uma totalidade de sentido, e a natureza dessa totalidade, convém sublinhar, é histórica.

### **Excurso: um pouco de crítica e contexto**

Após escrever o texto sobre o público francês, Auerbach forneceu uma cópia a Werner Krauss, um antigo doutorando de Karl Vossler. Por indicação de Vossler, Auerbach recebeu Krauss, habilitou-o e tornou-o, no início dos anos de 1930, seu assistente em Marburg, cabendo-lhe inclusive reger temporariamente a cátedra após a exoneração de Auerbach, em virtude das Leis de Nurembergue de setembro de 1935. Krauss, entusiasmado com o estudo do catedrático, escreveu-lhe em 30 de setembro de 1930: “a embocadura [*Ansatz*] metódica parece-me tão importante, que precisaria ser enfocada pormenorizadamente. O Senhor me permitiria desenvolver o ponto em uma revista científica?” (Krauss, 1934, p. 611). O catedrático autorizou, e Krauss, em 1934, publicou uma resenha de *Das französische Publikum des 17. Jahrhunderts*, que havia sido publicado no ano anterior. A resenha crítica de Krauss é um móvel privilegiado para avaliar como um leitor marxista confesso avalia o estudo de Auerbach; e tal avaliação faculta desenhar um pouco as posições relativas no espaço intelectual que habitam (e no qual concorrem, como dizia, por aquela época, um célebre sociólogo). Se Auerbach enfatizou os “suportes/portadores” da literatura clássica francesa, mantinha-se consciente e voluntariamente longe de qualquer terminologia que sugerisse uma análise com algum traço marxista, em virtude de sua *compostura*<sup>14</sup>.

Há uma transformação estrutural, apontada no estudo, que resulta em uma confluência entre a mentalidade que se exprime na literatura e o processo social mais amplo, que se mostra na formação do público, que é posta em relação à perda de função da nobreza e de uma certa burguesia. O feito de Auerbach seria ter realizado uma análise na qual a totalidade da época se revela; e a totalidade só se revela por ele identificar os suportes do processo histórico, vale dizer, o sujeito histórico de um processo social. Entretanto, Krauss detecta uma falha na análise de Auerbach:

Para Auerbach, a nova sociedade é resultado de uma dupla negação, da refração do poder da nobreza e da evasão de classe da burguesia que se torna poderosa. A reunião de duas determinações negativas possibilita decerto explicar a especificação de um personalismo que se autovaloriza, mas não torna de modo algum clara a

14. Compostura, discrição, circunspeção, serenidade são termos-chaves para se compreender a postura intelectual e humana de Auerbach, embora difíceis de definir. O trabalho principal a respeito é Gumbrecht (2002). Ligado a isso está o *sermo humilis*, que lhe é característico e possui inclusive uma dimensão humana, como atitude, como afirmou Neuschäfer (1989).

origem de uma nova unidade social mais ampla. Já o sabemos: essa nova sociedade deve sua origem à supressão [*Aufhebung*] dos dois estamentos que a integram, a nobreza e a burguesia, que perfazem uma nova unidade na aliança de *cour* e *ville*. Mas Auerbach não nos mostra nesta nova unidade a *Aufhebung* – se nos é permitido falar hegelianamente –, mas sim o “aniquilamento” dos componentes que estão na sua base: da nobreza e da burguesia, pois ele não enxerga o motivo de sua união em uma *relação* renovada *com o todo* [*neugeknüpften Beziehung zum Ganzen*], mas somente na ruína de sua constituição estamental específica. Por conta disto, aquela união, em Auerbach, traz – caracteristicamente – o sinal de uma alienação, de uma fuga no elemento heróico e estético, e de todo modo as características de um movimento espiritual arbitrário, que se opõe à “vida real” (*Idem*, pp. 334-335).

Krauss sugere, portanto, que a visada da totalidade de Auerbach falha por ser resultado apenas de determinações (viciadamente) negativas, que tolhem a percepção de que a totalidade em causa possui uma positividade própria. Esse seria o ponto a revelar e compreender: como a tragédia clássica francesa exprime uma nova relação de classe, de fato uma nova estratificação e dinâmica social, na qual um novo estrato é suporte de uma cultura específica. Tratar-se-ia então, na tragédia, menos de uma fuga ou oposição à realidade do que uma figuração histórica determinada dessa nova dinâmica social. Aqui entra a relação de infra e superestrutura, assim como o problema das relações de produção, deixados na sombra por Auerbach: trata-se de uma nova configuração do sistema econômico, de um novo momento do capitalismo. O processo que vai do século XVI ao século XVII é a implementação do mercantilismo, entendido por Krauss como o primeiro momento no qual a economia aparece como um sistema autônomo, direcionando-se gradualmente para a formação de um capitalismo estatal no qual o planejamento passa a existir, em contraposição à aleatoriedade de seus inícios (cf. *Idem*, p. 338). A mudança que Auerbach detecta em seu estudo e que lastreia a formação do público no século XVII é decorrência, para seu assistente marxista, dessa transformação na base econômica; os portadores, o sujeito histórico da mentalidade clássica no século XVII, só poderiam ser compreendidos a partir dessa visada mais ampla, na qual a infraestrutura econômica dá a diretiva (não por acaso, Krauss discute o colbertismo e a teoria econômica da época).

Sem adentrar no detalhe do argumento, é possível perceber nesse contraponto como o problema da síntese histórica formulava-se no ambiente intelectual desses dois romanistas. Com efeito, um ambiente

intelectual bastante efervescente (basta lembrar o retrato que Bloch, amigo de Auerbach, ofereceu em *Herança deste tempo*), a que Auerbach responde, sempre a seu modo – isto é, sempre colhido por sua compostura, moderação e discrição. Na impossibilidade de um retrato mais amplo e mais detalhado do problema, vejamos apenas uma de suas figurações. A exigência de compreensão da obra literária remete, como se viu, à totalidade, e com ela chegamos ao problema do campo disciplinar que a aborda, pois formula-se a questão de uma teoria da sociedade. De fato, o leitor do estudo de Auerbach depara-se, após alguma reflexão, com essa questão, que é, mais uma vez, o problema que Schalk formulou e citei ao início. Dessarte, a sociologia torna-se um pólo de discussão. Com efeito, uma sociologia dissolvida em uma concepção ampla de “filologia” (para utilizar o termo identitário cognitivo e histórico de Auerbach, tomado de Vico) era um componente da própria *Bildung* de que Auerbach é um produto. O ginásio alemão – e Auerbach frequentou o Französisches Gymnasium, um ginásio de elite berlinense, no qual se diplomou em 1911 – forneceu sólida e ampla base cognitiva e ideológica para as *Geisteswissenschaften*, então em pleno apogeu, e o *Bildungsbürgertum* fornecia-lhe, por sua vez, base social concreta (cf. Ringer, 1969). No caso particular de Auerbach, os conteúdos humanísticos permaneceram muito vivos e em fermentação durante seus anos de estudo de direito (1911-1913), sem dúvida a carreira mais visada, junto com a medicina, pelos judeus alemães que se julgavam assimilados. Uma vista de olhos na tese de doutoramento de Auerbach em direito, defendida em 1913 em Heidelberg, evidencia o quanto sua cultura histórica e literária fermentava e a florava no próprio texto.

O ambiente intelectual no qual Auerbach se formou e viveu (não somente nos seis anos em que foi professor universitário na Alemanha, de 1929 a 1935, mas também durante seu período como bibliotecário em Berlim, de 1923 a 1929) foi assim descrito por Habermas:

Quem aprendeu a se movimentar no universo da Escola Histórica, dominava a linguagem de Ranke e Savigny, dos irmãos Schlegel e Grimm, herdou Herder, Humboldt e Hegel e podia participar tranqüilamente das conversas interdisciplinares na velha Faculdade de Filosofia. Quem cresceu em um ambiente impregnado pelo espírito de Dilthey e do neokantismo [...] podia facilmente perceber o que havia de comum entre a pesquisa histórica e as pesquisas nas ciências sociais. [...] o acesso histórico à realidade era algo evidente (1991, p. 190).

Embora formulado tendo em vista outras figuras, o quadro de Habermas vale tal e qual para Auerbach, que também se viu, a seu modo, provocado pela nascente sociologia, emergindo no mesmo ambiente e época. Embora não possamos encontrar em Auerbach, em virtude de sua *circunspeção* e de seu *sermo humilis*, um enfrentamento aberto e provocativo, tal como ocorre em Ernst Robert Curtius, a sociologia foi um desafio para a sua posição e seu trabalho incorporou-a decididamente, embora a seu modo, como Schalk procurou sugerir.

Nos anos de 1920, o impacto da sociologia no conjunto das ciências humanas (incluídas aí a história e a filosofia) foi marcante e todos, de modos variados, viram-se forçados a marcar posições – como se evidencia pela variada plêiade de contendores na polêmica acerca da sociologia do conhecimento (cf. Meja e Sehr, 1982). Com sua pretensão universalizante, formulada de maneira mais ou menos explícita e definida, conforme o caso, a sociologia colocou-se como um desafio para as *Geisteswissenschaften*. Ademais, no universo da geração fundadora da sociologia alemã, sociologia tinha sido concebida como teoria da sociedade, no sentido de que tomava para si um espectro de preocupações bem mais amplo do que uma sociologia em sentido estrito (em virtude, inclusive, da baixa diferenciação disciplinar), abarcando economia, direito, teoria política e do Estado, psicologia, cultura, lingüística histórica, etnografia etc. No período de Weimar, após a morte dos fundadores, a sociologia vê-se em meio a um processo de especialização e de lutas pela definição de sua identidade cognitiva, lutas marcadas por variadas confrontações entre diversos enfoques.

Tentar compreender a posição relativa de Erich Auerbach no ambiente intelectual do período de Weimar exigiria uma análise em vários planos, multifocada. Por um lado, Auerbach situa-se, academicamente, no interior da filologia românica, cuja identidade cognitiva, histórica e disciplinar já estava consolidada. Nesse âmbito, seu trabalho faz-se em contato e interdependência com os de Vossler, Norden, Gröber, Spitzer, Lerch, Olschki, Schalk, Castro, von Wartburg, Curtius, Klemperer, Leo, para citar alguns de seus mais conhecidos colegas, sem falar do já mencionado Krauss. Mas o espaço da filologia românica é circundado pelas *Geisteswissenschaften* em sentido amplo, e os leitores de Auerbach percebem como ele recebe e processa estímulos advindos da filosofia (por exemplo Croce, Krüger, talvez Heidegger etc.), da história da arte (por exemplo Wölfflin, Dvorák), da história da cultura (sobretudo Burckhardt). Por outro lado ainda, seria preciso reconstituir o ambiente intelectual no

qual trabalhava em Berlim (Bloch, Benjamin, toda a efervescência dos “loucos” anos de 1920 em Berlim) e, posteriormente, o ambiente intelectual em Marburg, um importante e tradicional centro universitário e intelectual (cf. Schnack, 1977), onde convivia com Karl Löwith, Gerhard Krüger, Rudolf Bultmann, Georg Rohde, Hans-Georg Gadamer e outros mais. Como filólogo com especialização nas literaturas francesa e italiana, também circulou muito pelos dois países, criando laços de amizade e relações acadêmicas e intelectuais com colegas franceses e italianos. Em virtude de sua personalidade serena e recatada, Auerbach jamais tomou explícita e polemicamente partido nos debates da época (o contrário de seu colega Ernst Robert Curtius), mas de maneira implícita sempre o fez. Exemplos disso são suas tomadas de posição com relação ao problema das condições de possibilidade do conhecimento histórico, tópico decisivo nos debates acerca do historicismo e sua crise<sup>15</sup>, de que toda a polêmica acerca da sociologia do conhecimento é uma figuração; mesmo no campo intradisciplinar Auerbach sempre tomava partidos, embora implícitos, como se evidencia no parecer que Spitzer fez de sua tese de habilitação (*apud* Gumbrecht, 2002, p. 162).

15. Utilizo “historismo” e não “historicismo” para evitar confusões e firmar terminologia. “Historicismo” é um anglicismo, oriundo da tradução do alemão “Historismus” para o inglês “historicism”. Como toda a discussão é de origem germânica, creio ser mais adequado permanecer mais próximo de sua terminologia original; sobre o conteúdo do termo, ver Jaeger e Rusen (1992) e Wittkau (1992). “Historicismo” possui um traço depreciativo ou mesmo pejorativo, evidente por exemplo no uso que lhe dá Popper.

É portanto nesse contexto que se deve situar e buscar compreender o significado capital de Vico para Auerbach: com sua compreensão de “filologia” como uma espécie de disciplina-mãe das humanidades, ele se contrapõe, precisamente nessa pretensão, à sociologia do conhecimento de extração mannheimiana, então no centro das atenções e objeto de acalorado debate. Como sabem os leitores de Auerbach, todo o seu esforço e reflexão com Vico culmina na sua resposta-solução para o problema do historicismo (para utilizar a expressão de seu professor Troeltsch), seu “relativismo histórico radical” (cf. Auerbach, 1958, pp. 9-24).

### Vico e Auerbach, esquematicamente

Na introdução de seu último livro, publicado apenas após sua morte, *Literatursprache und Publikum in der lateinischen Spätantike und im Mittelalter* (Linguagem literária e público na Antiguidade tardia latina e na Idade Média), Auerbach apresentou os resultados de seu longo convívio com o pensamento de Giambattista Vico, modelando-os no problema da crítica e da história literária e na importância para seu próprio pensamento. Gostaria de indicar, esquematicamente, os pontos mais significativos.

1. Vico desenvolve uma teoria do conhecimento histórico que será apropriada por Auerbach. Ela se baseia na idéia de que somente podemos conhecer aquilo que criamos, ou seja, aos homens cabe o conhecimento do mundo dos homens, por eles criado, enquanto o conhecimento da natureza, criada por Deus, é prerrogativa sua. Mas a isso se soma o postulado antropológico de que podemos potencialmente conhecer e compreender todas as formas do espírito humano, mesmo as mais distantes e estranhas em tempo e espaço, pois todas elas são figurações de nosso próprio espírito humano, *modificazioni della nostra medesima mente umana*<sup>16</sup>. Assim, mediante uma espécie de evocação (ou re-evocação) da consciência individual é possível o acesso a toda a história (cf. Auerbach, 1948, p. 269). É desse postulado que Auerbach derivará um fundamento de sua atividade crítica: “Aquilo que nós compreendemos e amamos em uma obra é a existência de um ser humano, uma possibilidade de nós mesmos” (Auerbach, 1958, p. 14)<sup>17</sup>.

2. O entendimento de Vico da filologia, que é retomado por Auerbach, atribui-lhe, mediante um alargamento e extensão, a totalidade da vida social: “thus philology is enlarged to such an extent, that it comprehends all the historical humanities [...]; it becomes almost identical with the German term *Geistesgeschichte*” (Auerbach, 1948, p. 264). Como apontei anteriormente, essa pretensão da filologia, que é o horizonte que orienta a obra de Auerbach, é um centro de discussão e polêmica durante o período de Weimar, e a tomada de posição de Auerbach implica, embora de modo implícito, uma posição diante da pretensão universalizante da sociologia. Daí a afirmativa de Schalk com que iniciamos.

3. Contudo, a filologia auerbachiana não é uma simples figuração da *Geistesgeschichte*, precisamente em virtude de Vico e do diálogo oculto com a sociologia do conhecimento, pois ela incorpora uma resposta ao problema do historicismo e do relativismo histórico. Se, por um lado, o conhecimento histórico precisa estar atento aos critérios, às concepções e às categorias do próprio momento histórico que pretende compreender, para não lhe impor categorias exógenas, por outro lado o intérprete também está atado a uma historicidade particular, sua situação concreta de vida. Daí Auerbach falar em um “relativismo radical”, “pois o relativismo histórico é de dupla face: refere-se tanto ao que se compreende como àquele que compreende” (Auerbach, 1958, pp. 14-15)<sup>18</sup>. Com isso, assim como a sociologia do conhecimento dos anos de 1920, Auerbach pretendia resolver, dentro do possível, os dilemas do historicismo, tal como for-

16. Auerbach tratou desse ponto em todos os seus escritos sobre Vico; ver como exemplo Auerbach (1937a, pp. 251-253).

17. O ponto possui uma interessante reverberação, pouco destacada nos comentários: é que se enlaça com um traço constitutivo do pensamento de Montaigne, o conhecer-se a si mesmo, que Auerbach destaca recorrentemente nos seus dois textos sobre Montaigne. Com relação a Vico, Auerbach afirmou: “Aquele reencontrar da história em nosso próprio espírito é conhecimento de si; trata-se do embrião de uma teoria da compreensão histórica a partir da compreensão de si mesmo” (Auerbach, 1955, p. 249).

18. É por essa razão que firmou o período de composição de *Mimesis* na abertura do livro (Auerbach, 1946, p. 4) e, em texto posterior, reiterou que “*Mimesis* é, de modo absolutamente consciente, um livro escrito por um determinado homem, em uma determinada situação, no começo dos anos de

1940” (Auerbach, 1953, p. 18).

19. Os marcos, para Auerbach, estão dados sobretudo por seu professor Ernst Troeltsch em *Der Historismus und seine Probleme*, publicado em 1922. Em *Mimesis*, Auerbach remete o leitor à obra de Friedrich Meinecke, *Die Entstehung des Historismus*, de 1936. Sobre o historicismo, ver Jäger e Rüsen (1992) e Wittkau (1992), que mapeiam a discussão e a bibliografia.

20. Vale notar que a solução auerbachiana para o problema e a crise do historicismo situa-se no interior do escopo de Troeltsch, para quem os problemas do historicismo deveriam encontrar solução em uma nova concepção da compreensão histórica, na qual as contradições e as aporias do historicismo fossem superadas (com relação a Troeltsch, sigo Ruddies, 1996, p. 217).

21. Seja-me permitido notar que, pouco depois, exatamente o mesmo ocorreu por aqui, na crítica de Afrânio Coutinho a Antonio Candido.

mulados ao longo do século XIX e sistematizados e problematizados no início do século XX<sup>19</sup>. Com efeito, torna-se manifesto que Auerbach toma para si o desafio da “crise do historicismo” (para citar um título da época), que marca profundamente o período de Weimar (cf. Bialas e Raulet, 1996) e da qual as polêmicas envolvendo a sociologia do conhecimento são uma das frentes. A posição de Auerbach, portanto, é por uma solução para os problemas do historicismo no seu próprio interior, potenciando-o.

Vale observar, embora rapidamente, que o envolvimento de Auerbach com Vico é também amplamente referido ao contexto no qual atua:

- Sua tradução e apresentação da *Ciência Nova*, no meio dos anos de 1920, tinha por objetivo inserir Vico em circulação nesse ambiente de “crise”, como uma contribuição relevante para a clarificação e a superação dos problemas do historicismo; ademais, o próprio Auerbach reconhece a dívida para com seu professor Ernst Troeltsch (que acabara de falecer), “do qual partiu o vivo estímulo para que eu me ocupasse de Vico” (Auerbach, 1925, p. 39)<sup>20</sup>.
- Em seus textos sobre Vico nos anos de 1930, além do exposto, há também outro elemento que ganha sentido em função do contexto: seu esforço em separar Vico de Herder e da linhagem que parte desse último (o romantismo, Hegel, a filologia românica) deve ser compreendido como um afastamento crítico da tradição do *Volksgeist* e similares, que àquela altura já tinha dado provas suficientes de sua periculosidade. Esse aspecto é mais nuançado do que esta minha formulação deixa ver, mas de qualquer maneira é presente e muito relevante. Seja apenas lembrado que Auerbach, em sua história literária, referenciou-se na idéia de “Ocidente” como um domínio supranacional, que se contrapunha intencionalmente à idéia de literatura nacional, tal como a história literária e a filologia a concretizavam até então (Auerbach, 1946). O mesmo vale para seu enfático texto dos anos de 1950, “Philologie der Weltliteratur”, no qual o que era “ocidental” já se expande para o “universal/mundial” (Auerbach, 1952).
- Por fim, nos Estados Unidos, do final dos anos de 1940 até sua morte em 1957, Auerbach vindicou Vico em um contexto no qual dominava o *New Criticism*, com sua reconhecida desconfiança, para não dizer mais, de interpretações históricas e sociológicas. Auerbach, nesse ambiente, foi mesmo alvo de ironia, por professar “his secular religion of historicism” (Wellek, 1978, p. 466)<sup>21</sup>.

4. O resultado do duplo historicismo ou relativismo seria a possibilidade de compreensão de um dado momento ou período histórico, “the specific state of human mind at a given time” (Auerbach, 1948, p. 260), uma espécie de potenciação da idéia do *Zeitgeist*, pois consciente de seus condicionamentos, isto é, limites, cognitivos. Essa potenciação evidencia-se na idéia de que, se é possível compreender historicamente algum aspecto do agir ou do pensar humano, tal compreensão é a chave para a compreensão do todo: “a compreensão [*Einsicht*] de um desses aspectos da configuração humana [arte, direito, política, economia, literatura etc., LW] em um estágio determinado de desenvolvimento fornece, ao mesmo tempo, a chave para todas as outras configurações do mesmo estágio” (Auerbach, 1958, p. 11; cf. Auerbach, 1946, p. 412; 1937b, pp. 276-277).

5. Esta última afirmação atinge, ao mesmo tempo, o programa e o método auerbachiano, que preciso citar *in extenso*:

That general human quality, common to the most perfect works of the particular periods, which alone may provide for such categories [categorias válidas para o juízo histórico, e não categorias abstratas e a-históricas, LW], can be grasped only in its particular forms, or else as a dialectical process in history; its abstract essence cannot be expressed in exact significant terms. It is from the material itself that he will learn to extract the categories or concepts which he needs for describing and distinguishing the different phenomena. These concepts are not absolute; they are elastic and provisional, changeable with changing history. But they will be sufficient to enable us to discover what the different phenomena mean within their own period, and what they mean within the three thousand years of conscious literary human life we know of; and finally, what they mean to us, here and now (Auerbach, 1948, p. 263; cf. 1958, p. 15)<sup>22</sup>.

Esse é o resultado do historicismo auerbachiano, um historicismo que teve o cuidado de furtar-se tanto dos acentos nacionais (cf. Auerbach, 1955; 1948, p. 273) como de qualquer lógica superior do transcurso histórico – nem Escola Histórica, nem filosofia hegeliana. Nessa sua peculiaridade, ele inclusive marcou posição diante de outro grande marco. Pois é surpreendente o modo como, na apropriação de Vico, emerge a relação com o campo de problemas do marxismo; relação que, em virtude do recato e compostura de Auerbach, jamais ganha referências ou menções explícitas. Agora de modo ainda mais esquemático, assinalo que:

22. A bibliografia a respeito de Auerbach procura explicitar e discutir as conseqüências e os pressupostos desse “método”; abordei o problema em Waizbort (2003).

- A leitura de Vico realizada por Auerbach toma como núcleo vivo do pensamento viquiano a idéia de que os homens fazem a história, de que a história é um fazer humano (cf. Auerbach, 1937a, pp. 251-252).
- A historicidade da natureza humana é firmada enfaticamente (cf. Auerbach, 1958, p. 12; 1948, p. 274).
- Há uma compreensão do problema das “forças históricas” que perpassa toda sua obra e que permanece um desafio para seus leitores (cf. Auerbach, 1931, pp. 223, 232; 1946, pp. 35-37, 403, 412 etc.).
- Novamente seguindo a via dada por Vico, busca firmar o ponto de vista da totalidade (diria mesmo de uma “totalidade concreta”), embora por meio de uma totalidade que não é completude (cf. Auerbach, 1948, p. 274; 1958, pp. 9-22; Waizbort, 2003).

Um comentador preso às diretrizes ideológicas da antiga RDA reconheceu a “clara renúncia de Auerbach do historicismo ‘clássico’ ” – que se converte, no andamento que seguimos, em seu historicismo potenciado, “relativismo radical”. Na ocasião, firmava uma defesa do filólogo, como ponto máximo da historiografia literária burguesa, a quem só faltou dar mais atenção “à mediação dialética entre base e superestrutura” (Knoke, 1975, pp. 92, 91 e 82)<sup>23</sup>. Essas observações valem por evidenciar que, até sob os critérios pouco elásticos da antiga RDA, há a percepção do materialismo das análises de Auerbach; já em meu entender, e provocativamente, trata-se de um verdadeiro “historiador dialético”, “materialista histórico”, para utilizar formulação conhecida:

Ele faz a época saltar da “continuidade histórica” coisificada, assim como a vida saltar da época e, assim, a obra saltar da obra de uma vida. Contudo, o resultado dessa construção é que a obra de uma vida é retida e superada [*aufbewahrt und aufgehoben*] na obra, a época é retida e superada na obra de uma vida e o transcurso histórico é retido e superado na época (Benjamin, 1937, p. 468).

Tanto quanto sou capaz de entender a obra de Auerbach, ela cumpre, a seu próprio modo, essa exigência do amigo Benjamin.

### “Dialektischer Umschlag”, ou como o externo se torna interno

Em vez de uma extensa discussão de *Mimesis*, que sem dúvida é a principal obra de Auerbach e por essa razão exige uma discussão enfática

23. “De fato Auerbach, como muitos raros teóricos da literatura de seu tempo, levou em consideração em suas análises as forças produtivas e as relações de produção em épocas determinadas; ele tentou compreender a realidade humana como uma totalidade que se transforma, com componentes ideológicos e materiais. Contudo, deu mais peso à coesão e à coerência dessas épocas do que às suas contradições internas” (Knoke, 1975, p. 91).

do problema – sobretudo porque o problema central e decisivo das “forças históricas” só pode ser enfrentado mediante a leitura atenta e a reconstrução nessa obra –, vou apenas assinalar uma feição sua, decerto capital. Trata-se do problema formulado no subtítulo, *dargestellte Wirklichkeit* na obra de arte literária. Portanto, não se trata de *Darstellung der Wirklichkeit*, isto é, apresentação ou exposição da realidade, mas sim de uma realidade exposta *na* obra (para continuarmos com os itálicos de Benjamin). A questão, então, é que não estamos falando da realidade (da realidade-em-si, se preferirem), mas da realidade tal como a obra literária a expõe; e como a obra literária é uma forma própria – como se viu na menção ao problema da novela na tese de doutoramento –, o modo como a exposição ocorre é constituinte, essencialmente constituinte daquilo que aparece como e é a realidade (na obra literária). Em se tratando de compreender a “especificidade da obra de Auerbach”, Käte Hamburger afirmou, imediatamente após a publicação de *Mimesis*:

O método sociológico procede em geral segundo pontos de vista relativos ao conteúdo e ao material. [...] Erich Auerbach comprovou como um método sociológico, que parta não dos pressupostos sociológicos das obras literárias, mas sim destas obras mesmas, é possível e frutifica de maneira insuspeita. [...] A novidade do método de Auerbach consiste no fato de que o *desenvolvimento estilístico* da literatura europeia é indicado em uma categoria especificamente *sociológica*, a realidade da vida social humana. O subtítulo do livro não fala em “representação da realidade”, mas sim em “realidade exposta na literatura ocidental”, com o que o problema da realidade já é designado como um *elemento estético-estilístico* das obras literárias, e não meramente como sua “matéria” (Hamburger, 1949, pp. 143-144).

Creio que essa outra exilada formulou o núcleo do problema, pois a realidade não está fora da obra, mas nela mesma; não é externa, mas interna. O externo torna-se interno, como disse também, posteriormente e em uso e benefício próprio, Antonio Candido (cf. Candido, 1993 e 1965). A menção a Antonio Candido é bem providencial, pois me poupa, conhecida que nos é sua obra e seu pensamento, de demonstrar o teor do problema que discuto em Auerbach. Nesse sentido, há uma espécie de materialismo no modo de Auerbach, na “conversão” (“mediação”, que se exprime naqueles “na” em itálico) do processo social em forma literária<sup>24</sup>.

Como é sabido, em *Mimesis* todo esse problema é modelado na questão do realismo, mas isso de um modo muito próprio: “[...] quando Auer-

24. Esta fórmula, reconhecidamente lukacsiana, não por acaso foi tomada como título da única monografia publicada sobre Auerbach (cf. Gronau, 1979).

bach falava em realismo não supunha uma categoria sempre idêntica a si mesma, mas [...] uma categoria metaistórica, definida como a representação do homem em sua ambiência temporal e de acordo com suas coordenadas temporais” (Lima, 1986, p. 418).

25. Em outro texto tentei evidenciar como a idéia de “sentimento da realidade”, recorrente em Antonio Candido, é sua formulação própria desse mesmo problema (Waizbord, 2003).

26. Esse texto, publicado na Turquia logo após a chegada de Auerbach, e portanto provavelmente ainda escrito antes de sua emigração, enuncia claramente o programa de *Mimesis*. Portanto, é pura mitologia afirmar que *Mimesis* é “resultado” do isolamento em Istambul, que de fato foi providencial para permitir a Auerbach a concisão sintética que torna o livro o que é. Mas a concepção, não deve haver dúvidas, já estava gestada e rascunhada no período de Marburg. Seja lembrado, por fim, que nesse mesmo momento outro exilado, em Moscou, escrevia um outro texto sobre o realismo que marcou época e formou gerações: “Narrar ou descrever?”, de Georg Lukács.

Isso, entretanto, tem a conseqüência de que a análise precisa tornar-se, em ampla medida, uma análise social e histórica. Ou, por outras palavras: é uma aguçada compreensão histórica e social das obras literárias que permite a Auerbach, em *Mimesis*, decantar uma série de “tipos” (Schulz-Buschhaus, 1987) – ou, para utilizar um termo que me parece mais adequado: figurações – particulares de realismo e, com isso, “escrever história” (cf. Auerbach, 1958, p. 20). Timothy Bahti, discutindo o modo como Auerbach escreve história, chamou a atenção para as estruturas retóricas que informam sua narrativa e que, no caso de *Mimesis*, operariam segundo um princípio retórico da similaridade (Bahti, 1981, p. 248): a cada vez, é de um realismo que se fala, mas há uma similaridade entre cada figuração sua, o que permite que se fale sempre em realismo, embora a cada vez seja um realismo particular. As conseqüências disso para a relação obra literária e sociedade e história são amplas, pois fica sugerido que é na mediação obra/sociedade que se funda a modalidade específica de realismo, que responderia, creio, ao desafio percebido por Käte Hamburger (e Antonio Candido)<sup>25</sup>.

Embora Auerbach tenha sido sempre bastante reservado e econômico com relação a formulações mais genéricas e desconfiasse de conceitos (cf. Auerbach, 1953, pp. 15-17; Auerbach, 1948, p. 263, citada acima), no seu texto capital de 1937, “Über die ernste Nachahmung des Alltäglichen” (Sobre a imitação séria do cotidiano)<sup>26</sup>, há um passo bastante revelador e enfático a respeito: “Deve-se supor que uma transformação na execução artística imitativa e nos seus objetos está conectada a uma transformação da visão de si humana e, além disso, a uma transformação correspondente do próprio ser humano e de sua estrutura social” (Auerbach, 1937b, p. 276, página decisiva a que remeto o leitor). Portanto, as variações do realismo estão conectadas a transformações na imagem do homem e a transformações da sociedade; *o trabalho filológico deve dar conta, sinteticamente, dessa totalidade histórica*. Para tanto, o filólogo lança mão da obra literária, na qual há uma “sedimentação da situação da época” que é “mediada na forma, sempre sintética e necessária” (*Idem*, pp. 276-277, grifos meus). Portanto, por meio da forma literária o filólogo tem a via de acesso para a totalidade.

Por fim, como mais acima lancei mão de Luiz Costa Lima, faz-se mister reconhecer também sua objeção, de que “o problema do realismo não está em suas metamorfoses, mas sim na afirmação do indivíduo como constante” (Lima, 1986, p. 418). Mas creio não compreender por inteiro o ponto: é evidente que Auerbach considerava o indivíduo intrinsecamente histórico, e talvez se quisesse dizer “sujeito”. Haveria um sujeito contínuo, que se metamorfosearia em indivíduos históricos concretos e particulares. Nesse sentido, a crítica a se fazer ao procedimento de Auerbach seria similar à que foi feita, ao final do século passado, às filosofias da consciência, na defesa de algo como um *linguistical turn*<sup>27</sup>.

Os leitores familiarizados com a obra e o pensamento de Erich Samuel Israel Auerbach sabem que deixei de lado, neste artigo, muitos de seus textos e idéias. O intuito foi apenas indicar umnexo de problemas e possibilidades, que pedem desenvolvimento. Entre outras coisas, o programa auerbachiano superpunha-se ao programa da sociologia de sua época, e por essa razão faz sentido, para nós hoje, retomá-lo como sociólogo. Se hoje a sociologia sente-se mais segura em suas pretensões identitárias – cognitiva, histórica, institucional –, por outro lado, em função de sua própria diferenciação disciplinar, não deve (ao menos em meu entender) abdicar da pretensão de ser uma teoria da sociedade. Nesse sentido, a *filologia* de Auerbach vive, forte e desafiadora.

27. Ver, a título de exemplo, Habermas (1985, pp. 346-347). O mesmo Luiz Costa Lima enveredou pela discussão do “sujeito” em seu ajuste de contas com o problema da *mimesis* (cf. Lima, 2000).

## Referências Bibliográficas

- ARANTES, Paulo E. (1996), “Quem pensa abstratamente?”. In: \_\_\_\_\_. *Ressentimento da dialética*, São Paulo, Paz e Terra, pp. 63-105 (1. ed. 1979).
- AUERBACH, Erich. (1921), *Zur Technik der Frührenaissancenovelle in Italien und Frankreich*. Heidelberg, C. Winter (2. ed. 1971).
- \_\_\_\_\_. (1925), “Vorrede des Übersetzers”. In: VICO, Giambattista. *Die Neue Wissenschaft*, Berlin/Leipzig, W. de Gruyter, s.d., pp. 9-39.
- \_\_\_\_\_. (1929a), *Dante als Dichter der irdischen Welt*. Berlin/Nova York, W. de Gruyter (2. ed., 2001).
- \_\_\_\_\_. (1929b), “Entdeckung Dantes in der Romantik”. In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*, Bern/München, Francke, 1967, pp. 176-183.
- \_\_\_\_\_. (1931), “Vico und Herder”. In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*, Bern/München, Francke, 1967, pp. 222-232.
- \_\_\_\_\_. (1932), “Der Schriftsteller Montaigne”. In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*, Bern/München, Francke, 1967, pp. 184-195.

- \_\_\_\_\_. (1933), *Das französische Publikum des 17. Jahrhunderts*. München, M. Hueber.
- \_\_\_\_\_. (1937a), "Sprachliche Beiträge zur Erklärung der *Scienza Nuova* von G.B. Vico". In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*, Bern/München, Francke, 1967, pp. 251-258.
- \_\_\_\_\_. (1937b), "Über die ernste Nachahmung des Alltäglichen". In: \_\_\_\_\_. *Romanoloji Semineri dergisi* (trabalho apresentado no Séminaire de Philologie Romane, Istanbul Üniversitesi), 1, pp. 262-293.
- \_\_\_\_\_. (1939), "Figura". In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*, Bern/München, Francke, 1967, pp. 55-92.
- \_\_\_\_\_. (1941a), "Sacrae Scripturae Sermo Humilis". In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*, Bern/Münche, Francke, 1967, pp. 21-26.
- \_\_\_\_\_. (1941b), "Passio als Leidenschaft". In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*, Bern/München, Francke, 1967, pp. 161-175.
- \_\_\_\_\_. (1944/1949), *Introduction aux études de philologie romane*. Frankfurt/M, V. Klostermann (1. ed. turca 1944).
- \_\_\_\_\_. (1945), "Franz von Assisi in der *Kömodie*". In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*, Bern/München, Francke, 1967, pp. 43-54.
- \_\_\_\_\_. (1946), *Mimesis. Dargestellte Wirklichkeit in der abendländische Literatur*. Tübingen/Basel, Francke (9. ed. 1994).
- \_\_\_\_\_. (1948), "Vico and aesthetic historicism". In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*, Bern/München, Francke, 1967, pp. 266-274.
- \_\_\_\_\_. (1952), "Philologie der Weltliteratur". In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*, Bern/München, Francke, 1967, pp. 301-310.
- \_\_\_\_\_. (1953), "Epilegomena zu *Mimesis*". *Romanische Forschungen*, 65 (1-2): 1-18.
- \_\_\_\_\_. (1955), "Vico und der Volksgeist". In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*, Bern/München, Francke, 1967, pp. 242-250.
- \_\_\_\_\_. (1958), *Literatursprache und Publikum in der lateinischen Spätantike und im Mittelalter*. Bern, Francke.
- \_\_\_\_\_. (1967), *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*. Bern/München, Francke (org. F. Schalk).
- BAHTI, Timothy. (1981), "Vico, Auerbach and Literary History". *Philological Quarterly*, 60 (2): 239-255.
- BARCK, Karlheinz. (1994), " 'Flucht in die Tradition.' Erfahrungshintergründe Erich Auerbachs zwischen Exil und Emigration". *Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte*, 68: 47-60.
- BENJAMIN, Walter. (1931), "Literaturgeschichte und Literaturwissenschaft" In: TIEDEMANN, R. & SCHWEPPEHÄUSER, H. (orgs.). *Gesammelte Schriften*, Frankfurt/M, Suhrkamp, 1991, vol. 3, pp. 283-290.

- \_\_\_\_\_. (1937), "Eduard Fuchs, der Sammler und der Historiker". In: TIEDEMANN, R. & SCHWEPPENHÄUSER, H. (orgs.). *Gesammelte Schriften*, Frankfurt/M, Suhrkamp, 1991, vol. 2, pp. 465-505.
- BIALAS, Wolfgang & RAULET, Gérard (orgs.). (1996), *Die Historismusdebatte in der Weimarer Republik*. Frankfurt/M, P. Lang.
- BLUMENBERG, Hans. (1988), *Die Legitimität der Neuzeit*. Frankfurt/M, Suhrkamp.
- BOURDIEU, Pierre. (2002), "Les conditions sociales de la circulation internationale des idées". *Actes de la recherche en sciences sociales*, 145: 3-8.
- CANDIDO, Antonio. (2000), *Literatura e sociedade*. São Paulo, T. A. Queiroz/Publifolha.
- \_\_\_\_\_. (1998), *O discurso e a cidade*. 2. ed. São Paulo, Duas Cidades.
- FLASCH, Kurt. (2001), "Nachwort". In: AUERBACH, Erich. *Dante als Dichter der irdischen Welt*. 2. ed., Berlin/Nova York, W. de Gruyter, pp. 223-237.
- GRONAU, Klaus. (1979), *Literarische Form und gesellschaftliche Entwicklung Erich Auerbachs Beitrag zur Theorie und Methodologie der Literaturgeschichte*. Königstein/Ts., Forum Academicum.
- GUMBRECHT, Hans U. (2002), *Vom Leben und Sterben der grossen Romanisten*. München, C. Hanser.
- HABERMAS, Jürgen. (1985), *Der philosophische Diskurs der Moderne*. Frankfurt/M, Suhrkamp (3. ed. 1991).
- \_\_\_\_\_. (1991), *Texte und Kontexte*. Frankfurt/M, Suhrkamp.
- HAMBURGER, Käte. (1949), "Zwei Formen Literatursoziologischer Betrachtung. Zu Erich Auerbachs *Mimesis* und Georg Lukács *Goethe und seine Zeit*". In: *Orbis Litterarum*, tomo VII, fasc. 1-2, pp. 142-160.
- HEGEL, Georg W. F. (1820/1829), *Vorlesungen über Ästhetik in Werke*. Frankfurt/M, Suhrkamp, vol. 15, 1986.
- HOEGES, Dirk. (1994), *Kontroverse am Abgrund: Ernst Robert Curtius und Karl Mannheim*. Frankfurt/M, Fischer.
- JAEGER, Friedrich & RÜSEN, Jörn. (1992), *Geschichte des Historismus. Eine Einführung*. München, C. H. Beck.
- JURT, Joseph. (1991), "La romanistique allemande sous le troisième Reich: attentistes, résistants, émigrés". *Actes de la recherche en sciences sociales*, 86/87: 125-128.
- KRAUSS, Werner. (1934), "Über die Träger der klassischen Gesinnung im 17. Jahrhundert". In: JEHL, P. (org.). *Spanische, italienische und französische Literatur im Zeitalter des Absolutismus*, Berlin/Nova York, W. de Gruyter, 1997, pp. 330-343, 611-612.
- LIMA, Luiz Costa. (1986), "Auerbach: história e metaistória". In: \_\_\_\_\_. *Sociedade e discurso ficcional*, Rio de Janeiro, Guanabara, pp. 373-423.
- \_\_\_\_\_. (2000), *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

- MATTENKLOTT, Gert. (1998), "Erich Auerbach in den deutsch-jüdischen Verhältnissen". In: BUSCH, Walter & PICKERODT, Gerhart (orgs.). *Wahrnehmen Lesen Deuten. Erich Auerbachs Lektüre der Moderne*, Analecta Romanica Heft 58, Frankfurt/M, V. Klostermann, pp. 15-30.
- MEIA, Volker & STEHR, Nico (orgs.). (1982), *Der Streit um die Wissenssoziologie*. Frankfurt/M, Suhrkamp.
- NEUSCHÄFER, Hans-Jörg. (1989), "Sermo humilis. Oder: was wir mit Erich Auerbach vertrieben haben". In: CHRISTMANN, Hans Helmut; HAUSMANN, Frank-Rutger & BRIEGEL, Manfred (orgs.). *Deutsche und österreichische Romanisten als Verfolgte des Nationalsozialismus*, Tübingen, Stauffenburg, pp. 85-94.
- RINGER, Fritz K. (1969), *Die Gelehrten. Der Niedergang der deutschen Mandarine 1890-1933*. München, DTV, 1987 (trad. brasileira: *O declínio dos mandarins alemães*).
- RUDDIES, Hartmut. (1996), " 'Geschichte durch Geschichte überwinden.' Historismuskonzept und Gegenwartsdeutung bei Ernst Troeltsch". In: BIALAS, Wolfgang & RAULET, Gérard (orgs.). *Die Historismusdebatte in der Weimarer Republik*, Frankfurt/M, P. Lang, pp. 198-217.
- SCHALK, Fritz. (1971), "Vorwort". In: AUERBACH, Erich. *Zur Technik der Frührenaissancenovelle in Italien und Frankreich*. 2. ed., Heidelberg, C. Winter, pp. V-IX.
- SCHNACK, Ingeborg (org.). (1977), *Marburger Gelehrte in der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts*. Marburg, Elwert.
- SCHÜCKING, Levin L. (1931), *Soziologie der literarischen Geschmacksbildung*. Bern/München, Francke (3. ed. rev. 1961).
- SCHULZ-BUSCHHAUS, Ulrich. (1987), "Typen des Realismus und Typen der Gattungsmischung – Eine Postille zu Erich Auerbachs 'Mimesis' ". *Sprachkunst*, 20: 51-67.
- WAIZBORT, Leopoldo. (2003), *O Asmodeu dialético*. Tese de livre-docência. São Paulo, FFLCH, USP.
- WELLEK, René. (1978), "Auerbach and Vico". *Lettere italiane*, ano 30, 4: 457-469, out.-dez.
- WITTKAU, Annette. (1994), *Historismus. Zur Geschichte des Begriffs und des Problems*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht (1. ed. 1992).

#### Resumo

Desde cedo as pesquisas de Erich Auerbach foram tomadas, por seus contemporâneos, como contribuições à sociologia da literatura. Contudo, esse aspecto sempre foi considerado secundário, ofuscado pela empreitada gigantesca da sua escrita da história e por seus estudos "filológicos". Este texto pretende destacar Auerbach como

sociólogo, indicando em que medida sua obra dá ensejo a uma sociologia de literatura e permanece um desafio para os sociólogos.

Palavras-chave: Sociologia da literatura; Erich Auerbach; Filologia; Intelectuais; República de Weimar.

Abstract

Early on Erich Auerbach's researches were viewed by his contemporaries as contributions to the sociology of literature. However, that aspect was always considered as secondary, obfuscated by the gigantic undertaking of his very special literary history and by his "philological" studies. This article intends to point out Auerbach as sociologist, showing to what extent his work opens up to a sociology of literature and remains a challenge for sociologists.

Keywords: Sociology of literature; Erich Auerbach; Philology; Intellectuals; Weimar Republic.

Leopoldo Waizbort é professor de sociologia na USP.